

## IDENTIDADE E MIGRAÇÃO

*Ir. Ana Paula F. da Rocha\**

Ao ser provocada a pensar sobre a temática – identidades na perspectiva migratória – confesso que assumi este empenho como oportunidade para oferecer-me/nos provocações na busca de uma reflexão pessoal/conjunta a respeito da história que vivi quase sem me dar conta. Na condição de migrante, que fui desde criança, me coloco em atitude de quem se sente pertencente ao mundo das pessoas em mobilidade e procuro ler, refletir e escrever alguns detalhes que incidiram e que percebi presentes em minha experiência migratória, bem como naquela de tantas mulheres e homens migrantes que tive a oportunidade de encontrar, especialmente depois de ter entendido e assumido, por graça, a missão de “Ser migrante com os migrantes”, lá onde a Igreja e a Congregação me enviarem a servir.

Diferentes campos interdisciplinares se dedicam a estudar as identidades nas perspectivas migratórias, mas penso que a antropologia nos ajudará a ler as experiências e as mudanças ocorridas quando nos colocamos numa perspectiva relacional, frente à alteridade. As identidades são construídas historicamente pelos sujeitos na relação com a alteridade. O processo da construção identitária e pessoal ou de um grupo, portanto, é sempre de caráter relacional. Nesse processo da constituição identitária o migrante sofre transformações significativas no seu modo de pensar e de agir, nas suas prioridades axiológicas, na posição e no reconhecimento social, no intenso confronto com a alteridade.

Ao relacionar-se com povos de cultura e língua diferentes, o migrante já se coloca em condição de mudança, pois muda o dia a dia, a maneira de viver e agir no cotidiano. A nova realidade apresenta desafios que nem sempre podem ser enfrentados a partir do instrumental cultural e axiológico herdado na terra de origem. De consequência, o migrante é levado a interagir e, não raramente, a assumir, muitas vezes, de forma inconsciente, a maneira de pensar do novo contexto sociocultural.

Mas esta experiência não anula totalmente a ligação ou o pertencimento a um lugar, pois este é um ingrediente extremamente importante para o migrante. Ao conversar com migrantes que vivem fora do seu *habitat*, principalmente os migrantes temporários, ouve-se muitas vezes dizer que jamais continuariam morando nesta localidade. O que mais almejam é o retorno ao lugar de origem. As razões apontadas sempre são as mesmas. “Lá – referindo-se ao Estado ou País de origem – é o lugar da gente, é a terra da gente, o lugar onde a gente foi criado, onde estão os familiares, os conhecidos e os amigos”. Percebe-se claramente como o migrante realiza sua vocação mediante identificações interpessoais, sociais e, até, geográficas.

Mas a saudade da terra de origem e a dificuldade em se identificar com a realidade humana, social e cultural da terra de chegada, muitas vezes, estão relacionadas com desafios relacionados com as migrações na época contemporânea. Com efeito, o deslocamento geográfico, para muitas pessoas, representa um possível caminho de aproximação à realidade sonhada, uma possibilidade de ter acesso a oportunidades que lhes são negadas no lugar de origem. A decisão de migrar, para muitos, nasce do desejo de ir além, de superar as fronteiras geográficas, sociais e simbólicas determinadas pelo lugar de nascimento.

No entanto, nem sempre o deslocamento geográfico garante a realização dos sonhos, o cumprimento das expectativas. O risco do fracasso está sempre presente. Na

---

\* Missionária Scalabriniana, coordenadora do Serviço Pastoral dos Migrantes do regional Norte, agente de pastoral paroquial, assessora de Escolas Teológicas Catequéticas (Ji-Parana/RO), graduada em Teologia (Urbaniana, Roma/Itália) e pós-graduada em Movimentos sociais, organizações populares e democracia participativa (UFMG). Ji-Parana / Brasil.

atualidade, os principais fluxos migratórios se dão, de modo mais intenso, a partir de áreas empobrecidas rumo às mais abastadas. Infelizmente já participei da dor de ver muitas famílias que neste vai e vem acabam na verdadeira marginalização. E o que mais dói é constatar que em grande parte quem paga o preço mais alto são justamente os mais indefesos: crianças e mulheres.

De forma específica, no contexto das migrações internacionais, as pessoas que ingressam num país estrangeiro de forma administrativamente irregular, são obrigadas a viver de forma escondida pelo constante medo da deportação, tendo inclusive que abrir mão daqueles poucos direitos que os países de chegada oferecem para os imigrantes regulares. O migrante irregular vive como um foragido.

Neste contexto é evidente que se torna extremamente difícil, para o migrante, identificar-se com a realidade sociocultural da terra de chegada. Por residir de forma irregular ele será sempre o “criminoso”, além, claramente, de ser o “estranho” por ser oriundo de outro país ou território. As violências sofridas e a rejeição dos autóctones na terra de chegada são fatores que alimentam a saudade da própria terra e, ao mesmo tempo, que dificultam a integração identitária na terra de chegada.

Com o tempo, no entanto, a própria terra de origem vai se tornando cada vez mais “estranha” para o migrante. Isso é inevitável pois, durante o período da migração, ocorrem mudanças tanto na pessoa que se deslocou – como vimos – quanto na realidade sociocultural da terra natal. Pessoas e culturas são dinâmicas, em constante transformação, sobretudo neste contexto acelerado da globalização contemporânea. Ao sair da própria terra o migrante se transforma, fatalmente, numa pessoa de identidade plural, uma identidade que, frequentemente, não se encaixa plenamente nos padrões da terra de origem e muito menos naqueles da terra de chegada.

Portanto, nessa dinâmica relacional, o migrante precisa ser interpretado como aquele que no confronto com o outro vive sempre na aérea de fronteira, isto é, representa não só o desencontro de diferentes visões de mundo, como também, por conseguinte, a coexistência de diferentes espaço-temporalidades. Esta “contemporaneidade da diversidade” é a responsável pela definição tanto da individualidade quanto da identidade dos/as migrantes. Essa realidade de fronteira também pode ser vista como possibilidade de estabelecer relações, descobrir as diferenças do outro, seus sonhos riquezas, desejos, língua, cultura. Na vida do migrante este processo de construção identitária não é abstrato, e sim, vivenciado no tempo e em um espaço.

Assim, navegando entre as coordenadas identitárias da terra de chegada e de origem, muitos migrantes convivem de um lado, com mercadorias de um mundo moderno, capitalista que exercem sobre eles o *fetichismo*, mas ao mesmo tempo, permitem-lhes a satisfação de novas necessidades materiais e simbólicas. A compra da terra, da moto, de um celular, por exemplo, pode servir como sinal de distinção social na cidade onde vive. Torna-se fator de reconhecimento social e, por consequência, da própria construção identitária. A casa de tijolos representa, para muitos, a realização de um projeto de vida individual e familiar. Mas, não raramente, o novo padrão de vida e, sobretudo, os novos produtos de consumo podem gerar conflitos axiológicos, por exemplo, entre uma lógica da partilha, típica da terra de origem e uma lógica da acumulação, característica do capitalismo neoliberal.

Este conflito identitário estará presente não apenas na pessoa do migrante, mas também em sua “estrutura social de referência”, que, mesmo permanecendo em sua terra, entrará em contato com a alteridade justamente mediante o retorno da pessoa que migrou e, de forma específica, mediante as mercadorias por ele trazidas.

Enfim, estas sucintas reflexões são ferramentas importantes para a compreensão de uma verdadeira cultura migratória que redefine as práticas sociais, os estilos de vida e as visões de mundo, e que afeta, sobretudo, as gerações mais jovens. É fundamental sublinhar

que as identidades dos migrantes mudam de acordo com o contexto espaço-temporal, bem como pela maneira em que ele é conhecido e reconhecido na terra de chegada. A construção identitária é sempre relacional, produto do intenso e, por vezes, sofrido processo de negociação entre os diferentes fatores de pertencimento e identificação do sujeito.

Sinceramente, creio poder afirmar que, junto à caravana dos que migram, busquei e busco ser uma presença discreta do Cristo Peregrino, sempre vivo entre os que “Caminham humildemente com Deus” (Mq 6,8), até chegar à Pátria verdadeira, pois estou convicta, como dizia o autor da carta aos Hebreus que “Não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a que há de vir” (Hb 13,14). Lutando com eles e por eles, procuro ser uma resposta à sede de significado para a vida e na solidificação de alguns aspectos fundamentais de minha identidade, bem como a dos outros junto aos quais peregrino para a casa do Pai comum.

Sinto, assim, para mim, a convocação do fundador Bem-aventurado Scalabrini: “Ide, novos apóstolos de Jesus Cristo, ide mensageiros velozes... ao povo que vos espera... Vasto, sem fim, é o campo aberto ao vosso zelo...”.